

A narrativa como forma de estabilizar a memória: percursos da memorialista em *Relato de um certo oriente*

Gabriela Soares Nogueira Andreatti (PIBIC/CNPq/FA/Uem), Wesley Roberto Candido (Orientador), e-mail: gsnandreatti@hotmail.com.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes /Maringá, PR.

8.02.00.00-1 Letras; 8.02.06.00-0 Literatura Brasileira

Palavras-chave: Memória, Narrador, Identidade.

Resumo:

A presente comunicação tem por objetivo apresentar as figurações da narradora no romance *Relato de um certo oriente* (2008), de Milton Hatoum, a fim de explicar como se constrói a voz narrativa por meio do discurso da memória. Para tal, apresentar-se-á um estudo da composição estrutural da narrativa, procurando explicitar como o discurso memorialista estabiliza a memória e os caminhos percorridos pela narradora no afã de narrar a história de Emilie e, ao mesmo tempo, buscar a consolidação de sua identidade. Os caminhos sinuosos da história e as oscilações da memória tornam-se obstáculos que a protagonista tem de transpor para compor sua narrativa, e também são os pontos de análise deste trabalho, com base nos discursos sobre memória, história e literatura, de Pollak, Jacques Le Goff e Maurice Halbwachs e nos estudos sobre a composição do narrador em Walter Benjamin e Bakhtin. Desta forma, mostraremos como o discurso do passado é reconstruído pela memória e como ela, mesmo estando ligada ao coletivo, influencia na construção da identidade individual, por meio da análise desta obra de Hatoum.

Introdução

A memória sempre é objeto de disputa (Pollak 1992), suas oscilações entre o recordar e o esquecer reacomodam as lembranças de acordo com o momento social, político ou até mesmo familiar que vive o indivíduo. Portanto, como afirma Le Goff (1996), a memória está muito ligada a uma questão da construção da identidade do ser humano ao longo da vida. Assim, conhecer a si é ter memória, é conhecer seu passado, é ter a capacidade de revisitá-lo e analisar, agora beneficiado ou prejudicado pelo tempo e analisar as situações pelas quais passou.

Outra questão a ser levada em conta é a coletividade da memória. Toda recordação está ligada a um coletivo, a um grupo de pessoas que o sujeito frequenta. Maurice Halbwachs (2003) afirma que toda memória, por mais

individual que seja, está ligada a pelo menos mais de uma pessoa. As lembranças se afirmam e se reafirmam diante do embate com a memória dos outros, daqueles, que, conosco, dividiram o mesmo espaço e as mesmas situações.

A memória sempre está sob suspeita. Tem-se a desconfiança de que as recordações não sejam tão nítidas ou tão exatas como conta aquele que lembra. É motivo de disputas, alvo de correções, requisita-se provas ou testemunhos para melhor aceitar a lembrança. No entanto, a memória é a única chave que se tem para acessar o passado. Não há outro mecanismo para se recuperar informações, experiências, faces ou sentimentos que não seja a memória.

Não se descarta o fato de que a memória passa por ficcionalizações. As lacunas deixadas pelo tempo, fazem do sujeito que recorda um criador de histórias. Ao lembrar, o ser humano escolhe as melhores tintas, as palavras mais adequadas para contar o passado. Acrescenta cores, pessoas, fatos ao bloco duro da lembrança que retém o acontecimento que marcou o sujeito. Por esse aspecto, a memória também é uma forma de ficção, uma estratégia de narrativa de permanência na memória dos outros por meio do compartilhamento das experiências.

Assim, a memória se tornou campo fértil para a literatura. Como afirma Pollak (1992), a memória é clandestina, subversiva, resiste aos poderes do apagamento. Na América Latina, as narrativas encontraram na memória a saída para contrapor o discurso oficial dos governos ditatoriais, da escola, da igreja e das famílias em busca de uma legitimidade que ficasse para a história como o modelo ideal a ser seguido pelas demais gerações.

Portanto, estudar as narrativas latino-americanas pelo viés das pesquisas sobre história, memória e literatura é uma forma válida de passar em revista o passado oficial, consagrado pelos órgãos do Estado, da imprensa e dos livros didáticos, muitas vezes. A ficção se tornou um recurso para recuperar o passado, não aquele verdadeiro ou real, mas o ideal, aquele necessário para a sobrevivência do sujeito, que passa a existir por meio da narrativa, que consolida sua identidade e seu papel na história, transformando-se em autor e narrador de sua vida.

Materiais e métodos

Os estudos sobre a memória tiveram como base metodológica as obras de Maurice Halbwachs; Aleida Assman; Michael Pollak, Jacques Le Goff, entre outros que colaboraram para o estudo do tema. Além disso, para a compreensão da figura do narrador como o detentor das histórias que devem ser transmitidas foi utilizada a obra de Walter Benjamin, bem como os escritos bakhtinianos.

A pesquisa foi de cunho bibliográfico, promovendo o levantamento da fortuna crítica sobre a obra de Milton Hatoum e, conseqüentemente sua revisão. A partir dos dados recolhidos, realizou-se a análise do romance *Relato de um certo oriente*.

Resultados e Discussão

A construção da narradora, enquanto memorialista, ocorre devido ao seu papel central de investigar e coletar informações, assim como transformá-las em uma obra escrita e organizada. Seu trabalho, da mesma forma como o dos antigos narradores, que transmitiam, de geração em geração, as informações genealógicas e os mitos de origem, dá à protagonista a chave para os segredos, antes guardados pela memória, mas que vem à tona no processo, feito por ela, de colher as narrativas familiares. Além disso, o processo de escrita da memória realiza a organização e a preservação das histórias ali contidas, uma vez que a palavra desaparece, mas a escrita permanece. Assim, a protagonista do romance, torna-se a fonte dos conhecimentos familiares ao recolher os relatos e gravá-los, registrando-os em uma narrativa, que será a cópia abreviada da vida de sua mãe, na busca por encontrar a própria identidade.

Conclusões

O processo organizacional da narrativa é feito por uma narradora que, após realizar o processo de investigar a história de vida de sua mãe, tem de organizar os relatos colhidos. Como solução para seu problema, a protagonista opta por deixar que as demais vozes apareçam na narrativa, abrindo mão de seu papel de narradora, para não suprimir as características das histórias individuais. Assim, o trabalho de análise realizado no romance, permitiu concluir que ao utilizar essa estratégia narrativa, a protagonista reaproximou o romance das antigas histórias orais e do conceito bakhtiniano de polifonia, que caracteriza a união dessas vozes para compor uma mesma história de diferentes pontos. Além disso, o trabalho de recuperação da memória realizado por essa narradora memorialista buscou, por meio de fontes orais, recuperar o passado de sua mãe e, conseqüentemente, encontrar sua identidade.

Agradecimentos

Agradeço à minha mãe, por ter me apoiado durante o desenvolvimento do artigo e ao meu orientador, pela paciência e por todas as horas dedicadas à construção do projeto e do conhecimento que levo após finalizar a pesquisa. Ao CPNq-FA/PIBIC pela bolsa concedida.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévsk**. Trad. Paulo Bezerra. 5ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Trad. Bernardo Leitão... [et al.]. 7ª ed. Revista. São Paulo: Editora da Unicamp, 1996.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Trad. Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice. 2003.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5. n. 10, 1992, p. 200 – 212.